


A FORMAÇÃO DE PEDAGOGOS PARA O ENSINO DE ARTE NOS ANOS INICIAIS

 <https://doi.org/10.56238/arev7n3-028>

Data de submissão: 06/02/2025

Data de publicação: 06/03/2025

Nátia Pereira Vargas

Mestranda Mestrado Profissional de Educação UERGS.

E-mail: natia-vargas@uergs.edu.br

Flaviane Gonçalves Anchieta

Mestranda Mestrado Profissional de Educação - UERGS.

E-mail: flaviane-anchieta@uergs.edu.br

Barbara de Almeida Severo

Graduanda Língua Portuguesa - PUCRS.

E-mail: barbara.severo002@edu.pucrs.br

Viviane Maciel Machado Maurente

Doutora em Educação e Ciências. Orientadora do Mestrado Profissional de Educação - UERGS.

E-mail: viviane-maurente@uergs.edu.br

RESUMO

Nos Anos Iniciais da Educação Básica, o ensino de Arte é conduzido, em grande parte, por docentes licenciados em Pedagogia. Contudo, a formação inicial desses profissionais oferece uma abordagem superficial sobre o campo artístico, limitando sua atuação. Diante disso, é fundamental que os professores busquem, por meio da formação continuada, novas possibilidades para aprofundar seus conhecimentos e qualificar sua prática pedagógica. O texto discute a lacuna formativa em Arte na Pedagogia, refletindo sobre seus impactos na docência e apontando caminhos para o aprimoramento por meio de propostas formativas que ampliem o repertório e promovam um ensino mais significativo.

Palavras-chave: Formação de Professores. Ensino de Arte. Pedagogia. Formação Continuada. Prática Docente.

1 INTRODUÇÃO

A arte e a cultura são forças que atravessam o tempo, dando forma ao sentir e ao pensar. Expressam-se como linguagens que ampliam horizontes, favorecendo a construção do pensamento crítico e a participação social. No campo educacional, sua presença não se limita à transmissão de conhecimentos, mas contribui para a formação de sujeitos sensíveis, reflexivos e capazes de ressignificar o mundo ao seu redor. Como afirma Ana Mae Barbosa, (2010, p.99) “a arte na educação, como expressão pessoal e como cultura, é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual”. Quando incorporadas à prática docente, tornam-se instrumentos que enriquecem a experiência de aprendizagem, promovendo um ensino que valoriza a criatividade, a expressão e a criticidade.

Nos primeiros anos da educação básica, o ensino da Arte encontra sua morada através de docentes licenciados em Pedagogia. No entanto, o espaço que lhe é dado na formação inicial é breve. Na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, por exemplo, o curso de Pedagogia reserva apenas duas disciplinas no campo da Arte: *Educação e Artes*, com 60 horas-aula, e *Expressão e Arte na Educação Infantil*, com 30 horas-aula¹. Assim, aqueles que já habitam as salas de aula precisam buscar, além dos muros da graduação, novos caminhos para o aprimoramento.

No ritmo dinâmico da rotina escolar, os docentes pedagogos frequentemente se deparam com desafios no ensino da Arte que não foram plenamente abordados em sua formação inicial. Diante disso, torna-se essencial a continuidade da aprendizagem por meio de formações que dialoguem com suas necessidades e inquietações, ampliando suas práticas e repertórios. Quando tais formações cultivam o diálogo abrem-se novas trilhas para o ensino da Arte, permitindo que ela floresça no chão da escola. Pois, “Arte não é enfeite. Arte é cognição, é profissão, é uma forma diferente da palavra interpretar o mundo, a realidade, o imaginário, e é conteúdo” (Barbosa, 1991, p.4).

Eis, então, as questões que nos convocam à reflexão: Por que o campo da arte é tratado de forma rasa na formação inicial dos pedagogos? De que maneira a formação continuada pode fortalecer esse ofício, contribuindo com raízes mais profundas neste campo? Os docentes licenciados em Pedagogia, se interessariam por formações continuadas específicas no campo da Arte? A partir do olhar atento da pesquisa e da vivência docente que nos guia, lançamos luz sobre essa travessia, buscando compreender, ampliar e ressignificar o papel da Arte na formação dos professores dos Anos Iniciais.

¹ Grade Curricular do Curso de Pedagogia da UERGS. Disponível em: <https://www.uergs.edu.br/upload/arquivos/201607/06112315-grade-curricular-pedagogia2014.pdf> Acesso em: 31 jan. 2025.

2 DESAFIOS NO CHÃO DA ESCOLA E A FORMAÇÃO DOCENTE

Essa organização do trabalho docente reflete uma estratégia que busca atender às demandas da educação básica, mas também impõe desafios à formação e à prática pedagógica dos docentes que assumem esse papel.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Pedagogia no Brasil estabelecem que o pedagogo está habilitado para a docência em Arte na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Conforme disposto no Artigo 5º das Diretrizes:

Art. 5º O egresso do curso de Pedagogia deverá estar apto a:
VI – ensinar Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Artes, Educação Física, de forma interdisciplinar e adequada às diferentes fases do desenvolvimento humano (Conselho Nacional De Educação, 2006, p. 1).

De acordo com o Portal do Ministério da Educação, “o curso de Pedagogia é um curso superior de graduação, na modalidade de licenciatura e tem como finalidade formar professores para atuar na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. É aquele professor que assume integralmente o currículo da série/ano. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nº9.394 de 1996, no artigo 62 diz que:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal (Redação dada pela lei nº 13.415, de 2017)

A professora e pesquisadora Rosa Iavelberg (2018) comenta: “O professor regente, com formação em Pedagogia e sem licenciatura específica em uma das linguagens do componente Arte, ainda segue autorizado a ministrar aulas em todas elas” (p.1). De acordo com a legislação vigente, os docentes licenciados em Pedagogia estão autorizados a lecionar o componente curricular de Arte, como afirma Iavelberg. No entanto, a realidade observada por estas pesquisadoras revela que esses professores enfrentam inúmeros desafios, decorrentes da formação inicial e dos cursos de especialização deficitários, conforme constatado por Barbosa (2010):

O pior é que, como professores universitários, estão ensinando ou defendendo frente a seus alunos, até a pós-graduação, uma concepção de ensino de arte que está atrasada pelo menos 30 anos, no próprio Brasil (Barbosa, 2010, p. 97).

O reflexo desse cenário é a predominância de práticas pedagógicas limitadas, como o uso excessivo de fotocópias para colorir e atividades retiradas da internet, baseadas no senso comum. Na

realidade docente vivenciada por estas pesquisadoras, cada professor regente dos anos iniciais dispõe de uma cota mensal de 600 cópias xerográficas, majoritariamente destinadas às atividades de Arte.

Analice Dutra Pillar contribui com a afirmativa de que (2014, p. 12) “Todo educador que trabalha com arte precisa, então, encontrar uma maneira de lidar com os princípios básicos dessa linguagem, sem perder a complexidade da arte”. Ou seja, as atividades práticas não podem ser aplicadas baseadas apenas pela prática pela prática, é necessário um trabalho contextualizado como salienta as normativas vigentes:

A Base Nacional Comum Curricular, sugere a Abordagem Triangular, em que no componente curricular Arte:

A Arte nos conduz a processos de criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão, sobre as formas e fenômenos artísticos em suas diversas manifestações, trazendo a possibilidade da construção de poéticas pessoais, de formas de ver e produzir arte, individual e coletivamente, com a devida valorização da pesquisa, das vivências e das experiências, orientada pela abordagem triangular (contextualizar, fazer e apreciar), através dos objetos de conhecimento (contextos e práticas, elementos da linguagem, materialidades, processos de criação, matrizes estéticas e culturais, sistemas da linguagem, notação e registro musical, patrimônio cultural, arte e tecnologia), propostos pela BNCC (Brasil, 2018, p. 53).

A arte é um território vasto, onde criação, crítica e reflexão dançam em harmonia, tecendo fios invisíveis entre o sentir e o pensar. Ela nos convida a mergulhar em águas profundas, onde cada gesto, cor, som ou forma é mais do que expressão: é descoberta, é construção de mundos internos e coletivos. Para que esse mergulho seja pleno, é preciso mais do que o impulso criativo — é necessário o olhar atento, o conhecimento que ilumina caminhos ocultos, revelando as camadas sutis que compõem o fazer artístico.

O acesso à arte por meio da escola formal é o início de um caminho para sistematizar, ampliar e construir conhecimento nas diferentes linguagens artísticas que nos possibilitam interagir no mundo de forma diferenciada. É o mesmo tipo de direito que garante o acesso à Matemática, à Língua e às Ciências que estão presentes nos currículos. Arte é conhecimento, cujo direito é universal, arte é um conjunto de saberes que são imprescindíveis (Marques e Brazil, 2014, p.29).

A citação de Marques e Brazil (2014) nos convida a refletir sobre a Arte como um direito fundamental e universal, assim como as outras disciplinas que formam a espinha dorsal do currículo escolar. Ao colocar a Arte ao lado da Matemática, da Língua e das Ciências, os autores sublinham sua natureza essencial para a formação humana integral. Arte, como nos propõem, não é apenas uma expressão estética ou um divertimento, mas um vasto campo de saberes que se desdobra e se amplifica nas múltiplas formas de linguagem que a humanidade desenvolveu ao longo do tempo.

O acesso à Arte pela escola formal é, assim, a porta de entrada para um mundo de possibilidades, um território de conhecimento em que somos convidados a perceber o mundo de maneira diferenciada. Ela é a ponte entre o indivíduo e a coletividade, entre o interior e o exterior, entre o subjetivo e o objetivo. A arte, nesse sentido, é um convite à criação de novas formas de ver o mundo e de compreender a realidade.

Como afirma a citação, a arte é conhecimento. E esse conhecimento é indispensável. Ao democratizar o acesso a ela, o sistema educacional está, na verdade, garantindo o direito a uma visão mais rica e plural do mundo, uma visão que abarca a sensibilidade, a emoção, a crítica e a reflexão. Dessa forma, a arte não é um luxo ou uma atividade secundária, mas um bem essencial que, tal como a matemática ou as ciências, molda a percepção do ser humano e contribui para a construção de uma sociedade mais empática e consciente.

O educador, como um artesão de sentidos, deve conduzir essa travessia com a bagagem da pesquisa, das vivências e das experiências, tecendo saberes entre o contexto, o fazer e o apreciar. É nesse entrelaçar que a arte revela sua potência: na escuta sensível dos processos de criação, na valorização das materialidades, nas matrizes culturais que ecoam vozes ancestrais e contemporâneas.

Com o olhar atento da pesquisa e o coração aberto à fruição, o ato de ensinar Arte transforma-se em um convite para que cada estudante descubra sua própria linguagem poética, desenhando, no mundo e em si, novos contornos de beleza e significado. Um professor pedagogo consegue ter esse olhar? Refletindo como Pillar, (2014 p.13) o “olhar artístico não é um olhar passivo que recebe e registra a impressão das coisas. É um olhar construtivo”.

Sem a construção deste olhar artístico e crítico, o docente licenciado em Pedagogia sentiria-se seguro para abordar a complexidade do ensino em Arte? Corroborando com Cunha, (2006, p.11) “É fundamental que os educadores conheçam e entendam a gênese do desenvolvimento gráfico-plástico para organizarem planejamentos que deem conta da necessidade infantil.” Como adquirir esse conhecimento, considerando que a formação proporcionada pelo curso de Pedagogia e pela Educação Básica muitas vezes se revela superficial?

Vale lembrar que a maioria da população teve “Artes Plásticas” na escola, voltadas muitas vezes para o artesanato ou alguma produção simplória de desenhos e pouco frequentou museus ou exposições com seus professores [...]. Se pensarmos em quarenta semanas letivas, chegamos a 360 ou 400 aulas de Arte para cada cidadão que completou o Ensino Médio, sem contarmos os anos de ensino de Arte na Educação Infantil ou cursos livres e oficinas paralelas à escola. O que realmente ficou? (Marques e Brazil, 2014, p.23)

O texto de Marques e Brazil (2014) nos provoca a refletir sobre a discrepância entre o ensino formal da Arte e a sua real apropriação pelos estudantes ao longo de sua trajetória escolar. Quando a

Arte se reduz a práticas simplórias, muitas vezes confinadas ao artesanato ou ao desenho improvisado, ela perde sua potência transformadora e se distancia de seu verdadeiro potencial educativo. Essa abordagem limitada, presente na maioria das escolas, pouco contribui para a formação de um olhar crítico, sensível e profundo sobre as diversas expressões artísticas que permeiam nossa existência.

A arte na educação tem como objetivo desenvolver a expressão de sentimentos e emoções, trabalhar com a sensibilidade e possibilidade de relação criativa com o mundo (...) quanto maior for a oportunidade para desenvolver uma crescente sensibilidade e maior conscientização de todos os sentidos, maior será a oportunidade de aprendizagem (Ferreira, 2008, p. 29-30).

A constatação de que, ao longo dos anos, o estudante acumula centenas de aulas de Arte e, no entanto, a experiência permanece superficial, abre um campo de questionamentos sobre o real impacto desse ensino. O que, de fato, ficou? O que foi internalizado de forma significativa? A Arte, em sua multiplicidade e profundidade, exige mais que o simples contato com suas técnicas e formas, exige que o aluno seja levado a um encontro verdadeiro consigo mesmo e com o mundo, através da estética, da história e da crítica. No entanto, a falta de uma formação sólida e abrangente de professores, aliada a uma prática pedagógica restrita, gera uma lacuna, que se estende para além da sala de aula e afeta a percepção do estudante sobre o papel da Arte em sua vida.

Ao abordar os licenciados em Pedagogia, que, ao se tornarem regentes de turma, são habilitados a trabalhar a Arte de maneira interdisciplinar, o texto aponta para um vazio formativo, que transcende as habilidades técnicas. Muitos desses educadores, apesar de sua formação, não possuem o repertório cultural necessário para despertar nos alunos a consciência da importância da Arte. O ensino da Arte não é apenas sobre a transmissão de técnicas, mas sobre cultivar um olhar atento, um pensamento reflexivo e uma sensibilidade estética que reconheça a Arte como ferramenta de transformação social e de emancipação humana.

Portanto, a crítica aqui não se limita à ausência de formação em Arte, mas à carência de uma visão mais ampla e comprometida com a Arte enquanto um dos pilares fundamentais da educação. O que se exige é um processo educativo que vá além da repetição de métodos e que busque instigar a curiosidade, o prazer e a reflexão crítica, aproximando a Arte do cotidiano do aluno de forma significativa e duradoura. Afinal, para Aurora Ferreira (2008, p. 23), “o mundo precisa de pessoas criativas, flexíveis, que possam estabelecer relações com o seu meio”.

3 CAMINHOS POSSÍVEIS

Portanto, um caminho possível, seria pedagogos e professores das artes trabalhando em processo colaborativo. “Pedagogos e especialistas das artes desempenham diferentes papéis no processo de formação dos estudantes, e o trabalho conjunto pode favorecer inclusive esta definição das atribuições de cada profissional na escola” (Figueiredo, 2017, p. 89).

O estudo atrelados às pesquisas bibliográficas, reforçam a importância da Formação Continuada para professores pedagogos sobre possibilidades de desenvolver o componente curricular Arte nos Anos Iniciais. Entretanto esta Formação Continuada não pode ser generalizada e vertical, mas de forma dialógica através de Círculos de Cultura, partindo das dificuldades do grupo de professores participantes.

Paulo Freire, 2022, apresenta o conceito de círculo de cultura como uma metodologia pedagógica essencial para a educação libertadora. Os círculos de cultura são espaços de diálogo e troca de experiências, onde os participantes discutem temas relevantes de suas realidades. Esse método promove a conscientização crítica e a participação ativa na transformação social, contrapondo-se à educação tradicional "bancária" e estimulando um processo educativo coletivo e democrático.

O Círculo de Cultura apresenta-se como uma estrutura capaz de contemplar, em um contexto de formação continuada, a necessidade de comunicação e reflexão em um grupo de sujeitos que desejem propor uma realidade outra ao seu coletivo. Ele toma o lugar da formação continuada em que alguém, por vezes alheio ao contexto, propõe algo pensado e refletido para ser implementado como estratégia de intervenção. Um projeto de contexto outro exige participação daqueles que o vivem e conhecem suas agruras e suas possibilidades desde sua reflexão, discussão, para que seja implementado e assumido com o necessário comprometimento (Tomelin; Rausch, 2021, p. 9).

Segundo Imbernón (2011), a formação docente deve articular teoria, prática, valores, relações interpessoais e trocas entre pares, promovendo novas aprendizagens que influenciam a atuação pedagógica. Isso porque a formação inicial, por si só, não supre todas as exigências da docência. Assim, refletir sobre a escola e o trabalho pedagógico envolve necessariamente a análise crítica da própria prática docente.

Neste sentido, fortalecemos a ideia de uma formação continuada com base em Círculos de Cultura, para ouvir as necessidades, convicções e crenças de cada professor participante, e a partir desta escuta encontrar possibilidades de desenvolver novos olhares em relação ao ensino de Arte, que atenda a legislação vigente, mas acima de tudo que seja relevante aos estudantes, pois “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos” (Freire, 2022).

Assim, ao adotar os Círculos de Cultura como abordagem formativa, reafirmamos a importância do diálogo e da construção coletiva do conhecimento, respeitando as experiências e

percepções dos docentes. Esse processo não apenas possibilita a ressignificação do ensino de Arte nos Anos Iniciais, mas também fortalece a autonomia dos professores na busca por práticas mais significativas e alinhadas à realidade de seus estudantes. Dessa maneira, a formação continuada se torna um espaço de troca, reflexão e transformação, promovendo um ensino de Arte que vá além do cumprimento curricular e se constitua como um direito, um meio de expressão e um instrumento de humanização no contexto educacional.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, reconhecer as fragilidades da formação inicial em Arte no curso de Pedagogia e a necessidade de um aprimoramento contínuo torna-se fundamental para qualificar a prática docente nos Anos Iniciais. A formação continuada surge como um caminho possível para ampliar repertórios, aprofundar conhecimentos e fortalecer a relação dos professores com a Arte, superando uma abordagem meramente instrumental ou secundária.

É imprescindível considerar que a Arte não deve ocupar um lugar periférico na educação, mas sim ser compreendida como um campo essencial para o desenvolvimento integral dos estudantes. A formação de professores, portanto, precisa valorizar a dimensão estética, criativa e crítica da Arte, possibilitando que os docentes não apenas a ensinem, mas também a vivenciem e a integrem de maneira significativa em suas práticas pedagógicas.

Ao promover espaços de reflexão e aprendizagem, é possível ressignificar a presença da Arte na Educação Básica, contribuindo para uma formação mais sensível, inovadora e dialógica. Assim, essa travessia investigativa e formativa não apenas amplia horizontes, mas também reafirma o compromisso com uma educação que reconhece a Arte como um direito e uma potência na construção do conhecimento e da cidadania.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae (org.) **A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais. Inquietações e mudanças no ensino da arte.** São Paulo: Cortez, 2010.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação no Brasil.** São Paulo: Perspectiva, 2012.

BARBOSA, Ana Mae. **A Imagem do Ensino da Arte: anos oitenta e novos tempos.** São Paulo: Perspectiva, 1991.

BRASIL. **Resolução CNE/CP nº1, de 15 de maio de 2006.** Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf Acesso em: 11 de fev.2023.

CUNHA, Susana Rangel Vieira. (org) **Cor, som e movimento. A expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança.** Porto Alegre: Mediação, 2006.

CUNHA, Susana Rangel Vieira. (org) **Arte Contemporânea e docência com crianças: inventários educativos.** Porto Alegre: Zouk, 2021.

FERREIRA, Aurora. **Arte, Tecnologia e Educação: Relações com a criatividade.** São Paulo: Annablume, 2008.

FIGUEIREDO, Silvio Luiz Ferreira de. **A música e as artes na formação do pedagogo: polivalência ou interdisciplinaridade?** 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/323924041_A_musica_e_as_artes_na_formacao_do_pedagogo_polivalencia_ou_interdisciplinaridade Acesso em: 09 de ago.2024.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 54º edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

IABELBERG, Rosa. **A Base Nacional Curricular Comum e a formação dos professores de Arte.** 2018. Horizontes, 36(1), 74–84. Disponível: <https://doi.org/10.24933/horizontes.v36i1.576> Acesso em: 09 de ago.2024.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza.** Tradução de Silvana Cobucci Leite. 9. ed. - São Paulo: Editora Cortez, 2011, p. 31; 36; 51; 86; 108.

MARQUES, Isabel. BRAZIL, Fábio. **Arte em questões.** 2º ed. São Paulo: Cortez, 2014.

OSÓRIO (RS). **Lei nº 6.600, de 13 de abril de 2022.** Autoriza o Poder Executivo a contratar pessoal por prazo determinado e em caráter emergencial, e dá outras providências. Diário Oficial [do] Município de Osório, Osório, RS, 13 abr. 2022. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/o/osorio/lei-ordinaria/2022/660/6600/lei-ordinaria-n-6600-2022-autoriza-o-poder-executivo-a-contratar-pessoal-por-prazo-determinado-e-em-carater-emergencial-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 16 jan. 2025.

TOMELIN, N. B; RAUSCH, R. B. O legado de Paulo Freire ao desenvolvimento profissional docente para uma educação decolonial: o Círculo de Cultura como possibilidade. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 16, e. 2116429, 2021, p. 9 e 10. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxise/educativa/article/view/16429/209209214268>. Acesso em: 27 set. 2023.